



Beatriz Noria-Serrano (ed.) (2023) *Dinámicas sociales y roles entre mujeres: Percepciones en grupos de parentesco y espacios domésticos en el Oriente antiguo*. Oxford: Archaeopress, 216p. ISBN: 978-1-80327-499-7

Luiza Osorio G. Silva (University of California, Irvine)

luiza.ogsilva@uci.edu

A obra *Dinámicas sociales y roles entre mujeres*, editado por Beatriz Noria-Serrano, é um complemento valioso às crescentes discussões sobre gênero – particularmente o papel das mulheres – nos estudos do antigo Oriente Próximo. O livro é, em geral, de boa qualidade, composto por capítulos que tratam de diferentes regiões e períodos e de evidências a eles relacionados. Conforme discutido no “Prólogo”, a ideia deste livro, bem como do *workshop* que o precedeu, surgiu da vontade de discutir questões relativas aos espaços domésticos e às mulheres em todo o antigo Oriente Próximo, uma vez que esta teria sido uma região altamente permeável no passado. Alguns assuntos que não foram abordados no *workshop* foram acrescentados como capítulos ao volume para abranger outras temporalidades e temas. Tal como discutido por Noria-Serrano no capítulo introdutório, a cobertura de períodos desde o terceiro milênio a.C. até a Idade Média reconhece que as divisões cronológicas são muitas vezes artificiais e que olhar para tais questões de forma mais abrangente pode ser produtivo.

A série *Access Archaeology* é um excelente local para uma publicação como esta, já que o livro é de acesso aberto. Isso é especialmente relevante para os leitores latino-americanos, que podem acessar o PDF *on-line* sem se preocupar com os altos preços dos livros em euros. Noria-Serrano merece agradecimentos por reunir um grupo de estudiosos de diferentes países de língua espanhola e alguns de língua portuguesa e por tornar o volume facilmente disponível para falantes dessas línguas em todo o mundo. Seria útil, contudo, ter resumos de

capítulos em espanhol e não apenas em inglês, pois isso acaba privilegiando um público leitor em língua inglesa, especialmente se alguém estiver tentando decidir se deve consultar um capítulo específico.

No útil “Prólogo” de Noria-Serrano, a editora se propõe a definir e enquadrar os conceitos norteadores da obra: espaço doméstico, relações pessoais e relações de parentesco. Ela fornece uma revisão robusta da literatura, que ajuda a situar os leitores quanto aos desafios das discussões nos capítulos subsequentes. O espaço doméstico, que é cultural e socialmente contingente, é construído através da prática e a nossa compreensão moderna de espaços “públicos” e “privados” – criada ao longo do século XIX – não é aplicável ao antigo Oriente Próximo. Ao uso por vezes anacrônico de termos modernos no estudo dessa região antiga, soma-se o fato de a arqueologia ter estado, até cerca de metade do século XX, em grande parte desinteressada pelos espaços domésticos. A relação entre espaço doméstico e “família” – outro termo que precisa ser entendido social e culturalmente – é muitas vezes baseada nas práticas sociais da comunidade e não simplesmente na genética. Os capítulos deste volume acabam por complicar mais ainda essa associação, por pensarem grupos de parentesco de forma mais ampla: estes incluiriam não somente os membros da família, mas também os criados. Nem todos de um determinado grupo de parentesco necessariamente viviam juntos, fato que chama a atenção para a possibilidade de que o espaço doméstico também poderia ser composto por lugares diferentes. O estudo do gênero, especificamente o feminino, mostra-se relevante quando se considera quem atuava no espaço doméstico no passado e ainda como se dava o relacionamento dos atores nesse espaço ou espaços. O objetivo do volume é, portanto, considerar as relações sociais no antigo Oriente Próximo através da perspectiva do gênero, colocando as mulheres no centro.

Após o rico “Prólogo”, os capítulos de estudo de caso estão à altura da ocasião, fornecendo análises de uma impressionante variedade de evidências. O capítulo de Sara Arroyo Cuadra, “Reinas y concubinas de palacio em el Próximo Oriente: su visibilidad en la cultura material del III y II milenio a.n.e.”, faz contribuições significativas para a compreensão da atuação das mulheres nos antigos palácios do Oriente Próximo no terceiro e segundo milênios a.C., apoiando-se em fontes visuais e textuais para melhor definir o seu papel na corte

e na sociedade em geral. O capítulo define funções e papéis distintos para diferentes categorias de mulheres, como rainhas que fazem oferendas e mulheres da corte que participam de banquetes potencialmente ligados a conquistas militares, mas parte da terminologia utilizada é anacrônica. Mais especificamente, o uso que a autora faz do termo “concubina” no título e em outras partes do texto, apesar de discutir a terminologia original (“pequeña esposa” e “esposa viajera”), parece-me até orientalista. Arroyo Cuadra não problematiza o uso de “concubina”, o que teria sido bom se fosse necessário usar esse termo específico.

O capítulo de Marc Orriols-Llonch, “Cuestionando la prostitución en el antiguo Egipto”, que examina a potencial existência de prostituição no antigo Egito, é mais cuidadoso com a terminologia. O autor argumenta que, embora os dicionários egiptológicos traduzam vários termos como “prostituta”, não existem provas sobreviventes de que a prostituição existisse no Egito antes da chegada dos gregos e que deveríamos, então, ter cuidado para não aplicar tal terminologia moderna a provas antigas. Outro excelente exemplo de como precisamos ter cuidado ao aplicar estruturas modernas ao mundo antigo é a discussão de Thais Rocha da Silva sobre as casas na Vila dos Trabalhadores de Amarna em “Reflexiones sobre la privacidad y el espacio doméstico en la aldea de los trabajadores de Amarna”, que no passado tinham sido interpretadas principalmente através de uma estrutura relativa às casas inglesas vitorianas. Em vez disso, a autora entende esses espaços como dinâmicos e não estritamente tripartidos, que é como Rocha da Silva se refere à ligação inextricável que se estabelece entre a casa, as mulheres e a privacidade.

Outros estudos de caso relativos a períodos antigos incluem o capítulo de Josué J. Justel, “¿Existió una ‘casa de la madre’ en el antiguo Oriente?”, onde o autor procura a terminologia “casa da mãe” – encontrada em fontes egípcias antigas e no Antigo Testamento – em fontes cuneiformes, não encontrando exemplos equivalentes que se refiram a uma unidade familiar, embora a “casa do pai” seja comum. Já o capítulo de Noria-Serrano, “Honra a tu madre: aproximaciones a la maternidad en el Reino Medio egipcio”, centra-se na relação social entre mães e filhos adultos no Reino Médio, que não tinha sido anteriormente discutida com muitos detalhes na egiptologia e que a autora

argumenta ter aumentado em importância durante o período em estudo. Esse capítulo se complementa com o estudo de Pablo M. Rosell, “Identidades sociales de mujeres em las estelas de Abidos del Reino Medio. Un análisis de la estela BM EA152”, que examina a identidade social de Neferttu através de sua estela funerária (BM EA 152), também datada do Reino Médio. A terminologia empregada para identificar as estelas do Reino Médio pertencentes às mulheres neste capítulo, “estelas femininas”, parece novamente um pouco deslocada, pois se o objetivo é estudar a perspectiva das mulheres, talvez devêssemos parar de destacá-las dessa forma. Não se fala em estelas “masculinas”, então, por que é necessário separar aquelas produzidas por homens e mulheres de forma rígida?

Relacionado com considerações sobre “masculinidade” e “feminilidade”, o capítulo de Agnès Garcia-Ventura, “‘Agencia’ y ‘empatía’ em los estudios sobre el Oriente Cuneiforme: reflexiones acerca de su aplicación”, sobre o uso das categorias de análise “agência” e “empatia” em estudos do antigo Oriente Próximo, é instigante ao argumentar que o conceito de “agência” privilegia atores e perspectivas masculinas enquanto “empatia” privilegiaria as mulheres. Este último termo é muito menos comum nos estudos dessa região e período do que o primeiro. O capítulo de Erica Couto-Ferreira, “Mujeres y culto funerario en la Mesopotamia antigua: una aproximación”, embora não o faça diretamente, leva a sério essa perspectiva teórica ao examinar os papéis desempenhados pelas mulheres na Mesopotâmia na gestão da morte e do luto. As mulheres desempenhavam funções fundamentais na execução de lamentações e litanias funerárias e a autora sugere que eram elas as pessoas capazes de gerir a crise social da morte e de restabelecer a ordem.

Os capítulos centrados em períodos posteriores não se enquadram na minha área de especialização, mas, mesmo assim, forneceram elementos para reflexão em termos dos papéis do espaço doméstico e das mulheres nas sociedades pré-modernas. María Jesús Albarrán Martínez em “Transgresión de los códigos de conducta de las ascetas egipcias em su espacio doméstico” aborda o espaço doméstico como fator fundamental na prática do ascetismo. Ernest Marcos Hierro em “Encomio y vituperio de emperatrices: Elia Pulqueria y Elia Eudocia em las fuentes calcedonenses y monofisitas (s. V-IX)” discute a vida das imperatrizes Elia Pulqueria e Elia Eudocia. Margarita Vallejo Girvés em “Roles

femeninos, clanes isáuricos y la política del Imperio Romano de Oriente em el siglo V d.n.e.” examina a vida das esposas e filhas dos generais isaurianos do Império Romano do Oriente – um estudo preliminar que promete ser significativo não só para a nossa compreensão do gênero nesse período e região, mas também para os desenvolvimentos políticos. Por fim, Carmen Caballero Navas em “Curar y cuidar en relación: la práctica sanitaria de las mujeres judías en la Edad Media” explora a agência das mulheres judias nos cuidados de saúde, especialmente na esfera doméstica, mas também fora disso, uma vez que essas divisões também eram permeáveis.

O período cronológico abrangido pela obra é enorme. Se percorrermos o livro em ordem, viajamos muito rapidamente no tempo, lendo um capítulo sobre o ambiente doméstico na Vila dos Trabalhadores de Amarna (de Rocha da Silva), depois um sobre o espaço doméstico como fator fundamental na prática do ascetismo (de Albarrán Martínez) e em seguida um sobre a vida das imperatrizes da Dinastia Teodosiana (de Marcos Hierro), por exemplo. Apesar da impressionante variação cronológica e geográfica ser declarada no “Prólogo” como um dos principais objetivos do livro – e embora o desejo de estudar questões de gênero e espaços domésticos de maneira transcultural e diacrônica numa região que era tão permeável como o antigo Oriente Próximo faça sentido –, teria sido útil introduzir divisões cronológicas ao longo da obra, talvez como subseções para agrupar capítulos. E embora o “Prólogo” exponha os temas gerais discutidos nos capítulos individuais, um capítulo de conclusão – ou talvez até uma resposta por outro acadêmico – também poderia ter ajudado a solidificar os distintos estudos de caso apresentados como parte de um estudo maior.

No geral, conforme destacado acima, o grande número de complexos estudos de caso neste volume representa uma contribuição significativa para análises dos conceitos de espaço doméstico, relações pessoais e de parentesco e gênero no antigo Oriente Próximo. A obra é acessível a muitos leitores e seus capítulos prometem servir não apenas como valiosas contribuições acadêmicas em si, mas também como pontos de partida para futuras pesquisas e discussões.

Data de publicação: 04/04/2025